

Nove poemas de juventude de Pier Paolo Pasolini

Tradução e nota de Lucas Bertolo*

Vemos nestes versos escritos entre 1944 e 1953 os esboços de uma poética duplamente marginal — o tempo da poesia do jovem Pasolini é o tempo da lembrança, da memória, da “força do passado”; o espaço, da paisagem campestre friulana, passa às periferias da Itália do pós-guerra. Uma poesia que recusa os centros da sociedade de consumo, e os seus signos, e o tempo morto do trabalho alienado, vai buscar uma inusitada afinidade entre a memória da monotonia infantil e a potência subversiva das periferias italianas, onde *recomeça, hostil, recomeça mil vezes, a cidade*. A sobreposição entre a nostalgia e as visões atrozes do mundo excluído, *no falso silêncio que se adensa*, conta uma história sobre as carniças que apodrecem a céu aberto, sobre certa violência própria ao capitalismo tardio: a desumanização em escala global, as cinzas nos olhos dos garotos. A primeira poesia de Pier Paolo Pasolini, no deslocamento espaço-temporal, faz a crítica da sociedade presente: o lugar periférico e a posição marginal (do homossexual, por exemplo) aparecem como condições à crítica da sociedade de consumo italiana da segunda metade do século XX.

* Tradutor formado em Filosofia pela UNIFESP.

1- Sexo, consolação da miséria

Sexo, consolação da miséria!
A puta é rainha, e o seu trono
uma ruína, sua terra um naco
de várzea cagada, seu cetro,
bolsinha de couro vermelha:
ela late na noite, suja e feroz
como uma mãe anciã: defende
as suas posses e a sua vida.
Cafetões ao redor, em bando,
surrados, inchados, com seus
bigodes eslavos ou de Brindisi,
são chefes, soberanos, firmando
no breu transações de cem liras,
piscando em silêncio, trocando
palavras de ordem: e o mundo,
excluído, cala-se ao redor deles,
que dele excluíram a si mesmos,
silenciosas carcaças de predadores.

Mas no lixo do mundo nasce
um novo mundo: nascem novas
leis onde não há mais lei,
nasce uma nova honra,
onde a honra é a desonra...
Um poder e uma nobreza ferozes
nascem nos barracos amontoados,
nas zonas infindas onde se crê que
a cidade termina, e onde, ao invés,
recomeça, hostil, recomeça mil vezes,
com pontes, labirintos e canteiros de obras,
por trás da tormenta de arranha-céus,
que encobre horizontes inteiros.

Na facilidade do amor
o miserável se sente homem:
forja a fé na vida, e termina
por desprezar quem tem outra vida.
Os filhos se jogam na aventura
seguros de estarem em um mundo
que tem medo deles e do seu sexo.
Sua piedade está em serem impiedosos,
a sua força está em sua leveza,
a sua esperança, em não ter esperança.

Sesso, consolazione della miseria

Sesso, consolazione della miseria!

La puttana è una regina, il suo trono
è un rudere, la sua terra un pezzo
di merdoso prato, il suo scettro
una borsetta di vernice rossa:
abbaia nella notte, sporca e feroce
come un'antica madre: difende
il suo possesso e la sua vita.

I magnaccia, attorno, a frotte,
gonfi e sbattuti, coi loro baffi
brindisi o slavi, sono
capi, reggenti: combinano
nel buio, i loro affari di cento lire,
ammiccando in silenzio, scambiandosi
parole d'ordine: il mondo, escluso, tace
intorno a loro, che se ne sono esclusi,
silenziose carogne di rapaci.

Ma nei rifiuti del mondo, nasce
un nuovo mondo: nascono leggi nuove
dove non c'è più legge; nasce un nuovo
onore dove onore è il disonore...

Nascono potenze e nobiltà,
feroci, nei mucchi di tuguri,
nei luoghi sconfinati dove credi
che la città finisca, e dove invece
ricomincia, nemica, ricomincia
per migliaia di volte, con ponti
e labirinti, cantieri e sterri,
dietro mareggiate di grattacieli,
che coprono interi orizzonti.

Nella facilità dell'amore
il miserabile si sente uomo:
fonda la fiducia nella vita, fino
a disprezzare chi ha altra vita.
I figli si gettano all'avventura
sicuri d'essere in un mondo
che di loro, del loro sesso, ha paura.
La loro pietà è nell'essere spietati,
la loro forza nella leggerezza,
la loro speranza nel non avere speranza.

2- Versos do jovem Pasolini (1949-1950)

Adulto? Nunca — como a existência
que não matura — fica sempre acerba,
de dia esplêndido em dia esplêndido —
não posso senão seguir fiel
à estupenda monotonia do mistério.
Eis por que, na felicidade,
não me sou abandonado — eis aí
por que, na ânsia dos meus desvios,
nunca atingi o remorso verdadeiro.
Sempre parelho ao inexpresso,
na origem do que eu sou.

Adulto? Mai — mai, come l'esistenza
che non matura — resta sempre acerba,
di splendido giorno in splendido giorno —
io non posso che restare fedele
alla stupenda monotonia del mistero.
Ecco perché, nella felicità,
non mi sono abbandonato — ecco
perché nell'ansia delle mie colpe
non ho mai toccato un rimorso vero.
Pari, sempre pari con l'inespresso,
all'origine di quello io sono.

3- Haikais dos remorsos

A insônia é um lobo, uma crosta,
uma impaciência nua na luz elétrica,
um hospital onde se reúnem
os pais do defunto.

A carniça tem dentes expostos
ao sol: fede como uma mortalha,
e jaz sobre a minha cama.

A liberdade, imunda e suada
deambula nos silêncios crus
do meu quarto: uma necrópole
queima nos meus pés descalços.

Bela palavra, dignidade,
os ruídos cospem no meu quarto,
no coração da velha noite,
os farrapos das tuas roupas.

Num lago de sangue, a noite de verão.
A febre salta pelas veias.
Descontente com minha vida,
eu poderia me praguejar.

Os garotos são visões atrozés
de mortos; onde está a inocência?
onde está a sedução neles?
Eles têm olhos cheios de cinzas.

Olhos ternos... uma pedra
está entre nós.

Haikai dei rimorsi

L'insomnia è un lupo, una crosta,
un'impazienza nuda nella luce elettrica,
un ospedale ove sostano
i parenti del morto.

La carogna ha i denti scoperti
al sole : la sua puzza un sudario.
Giace sul mio letto.

La libertà sporca e sudata
sbanda nel silenzi crudi
della mia stanza : un sepolcreto
che brucia nei miei piedi nudi.

Belle parole, dignità,
i rumori sputano nella mia stanza,
nel cuore della vecchia notte,
i brandelli delle vostre vesti.

In un lago di sangue la notte estiva.
La febbre salta nelle vene.
Sono scontento della mia vita.
Potrei maledirmi.

I fanciulli sono visioni atroci
di morti; dov'è la loro innocenza ?
dove sono le loro seduzioni ?
Hanno gli occhi pieni di cenere.

Occhi soavi... Una pietra
è tra di noi.

4- Versos póstumos

E me espantei que a indiferença
fosse tão parecida com a angústia.
Havia uma mesma candura em crer
e em não crer. Teria eu nunca
mudado? Se, impensado por mim, Tu
nada podes fazer em mim? E eu não posso
fazer nada que torne humana a minha vida?
Posso ao menos esperar que, na variedade
do Teu ser, o meu ser único,
a mim mesmo inútil, Te seja necessário?

É preciso queimar para chegar
consumidos ao último fogo.

Eu me perco, os olhos cheios do mundo
para o qual eu tenho apenas uma sensual
nostalgia. Era o destino
que eu me perdesse, e eu me perdi:
mas quantos estão no mundo, porque
outros não estão! *Para nos redimir, Cristo
não foi inocente, mas diferente.*

O conhecimento está na nostalgia.
Quem não está perdido não possui.

E mi stupivo che l'indifferenza
fosse così simile all'angoscia.
Uno stesso candore era nel credere
e nel non credere. Non mi sono mai
mutato ? Se da me non pensato, Tu
in me non puoi nulla ? E io non posso
nulla per fare umana la mia vita ?
Posso almeno sperare che nel vario
Tuo essere, il mio essere unico
a me inutile a Te sia necessario ?

Bisogna bruciare per arrivare
consumati all'ultimo fuoco.

Mi perdo con l'occhio pieno del mondo
per cui ho solo una sensuale
nostalgia. Era destino
che mi perdessi, e mi sono perso :
ma quanti sono nel mondo, perché
altri non ci sono! *Per redimerci Cristo
non è stato innocente, ma diverso.*

La conoscenza è nella nostalgia.
Chi non si è perso non possiede.

1951-1952

5- Sonetos primaveris

Escritos no ano de 1953, e publicados em “All’insegna del Pesce d’Oro”, Scheiwiller, 1960.

I

No falso silêncio que se adensa
nos campos e periferias, pesa
o murmúrio das noites primaveris
quando suave a atmosfera propaga
pelas janelas abertas, acessos, pátios,
os sons domésticos, e os alegres
ecos de ruas populares. Mas abril
está longe: e neste vazio, carregados
de um sentido de morte estão os sinais
que deveriam reanimar a vida.
Este é um retorno; e nos serenos faróis,
nos já tépidos espaços, é encerrada
uma forma do nosso existir, e o início
de uma nova não há, se o tremor for vício.

Nel falso silenzio che si addensa
per le campagne e le borgate, grava
il busio delle sere primaverili
quando soave l'atmosfera propaga
da finestre aperte, anditi, cortili,
i suoni domestici, e gli allegri
echi di strade popolari. Ma aprile
è lontano: e in questo vuoto, gravi
d'un senso di morte sono i segni
che dovrebbero rallegrare la vita.
È un ritorno, questo; e nei sereni
fari, nei già tiepidi spazi è finita
una forma del nostro esistere, e inizio
non ne ha una nuova, se tremarne è vizio.

6- [sem título]

Um tédio, uma fúria (não à toa
sofri uma adolescência inteira)
com suor me banham na alvorada,
e acordo cansado.

Essa é a manhã da vida; dias,
ânsias, gestos, cantos, tudo maçante,
e cá estou, no ponto onde o mesmo
corpo me é ignoto.

O passado me vence; me torna vão
(tantos sonhos que, por um momento,
pareciam doces, e, por terem passado,
jogo distante)

Ai, também me faz vão a suave feição
do rapazote cuja alvorada nas pupilas
me desperta, e com a velha luz até isso
me parece um mal.

Una noia, una furia (non per nulla
ho sofferto un'intera adolescenza)
col sudore mi bagnano nell'alba,
sveglio a fatica.

Questo è mattino della vita; giorni,
ansie, gesti, canti, tutto smorto,
eccomi ora a punto in cui lo stesso
corpo mi è ignoto.

Il passato mi vince; mi fanno vano
(con tanti sogni parsi per un poco
ben dolci, e, sol per essere passati,
lontano gioco)

ahi mi fa vano anche il soave aspetto
del giovinetto che l'alba alle pupille
mi desta, e con la vecchia luce anch'esso
mi pare un male.

Canzonieri per T. (1945-1946)

7- Trabalho o dia todo...

Trabalho o dia todo como um monge
e à noite vago, como um gato de rua
em busca de amor... Vou propor
à Igreja que me façam santo.
Respondo, com efeito, à mistificação
com suavidade. Vejo com o olho
de uma câmera trabalhadores linchados.
Observo o meu massacre com a serena
coragem de um cientista.
Pareço sentir ódio, mas, às vezes,
escrevo versos cheios de pontual amor.
Estudo a perfídia como a um fenômeno fatal,
quase como se não fosse seu objeto.
Tenho piedade dos jovens fascistas,
e dos velhos, que considero formas
do mais horrível mal, e a eles oponho
apenas a violência da razão.
Passivo como um pássaro que tudo vê,
voando, e que carrega no coração,
voando no céu, a consciência
que não perdoa.

Lavoro tutto il giorno...

Lavoro tutto il giorno come un monaco
e la notte in giro, come un gattaccio
in cerca d'amore... Farò proposta
alla Curia d'esser fatto santo.
Rispondo infatti alla mistificazione
con la mitezza. Guardo con l'occhio
d'un'immagine gli addetti al linciaggio.
Osservo me stesso massacrato col sereno
coraggio d'uno scenziato. Sembro
provare odio, e invece scrivo
dei versi pieni di puntuale amore.
Studio la perfidia come un fenomeno
fatale, quasi non ne fossi oggetto.
Ho pietà per i giovani fascisti,
e ai vecchi, che considero forme
del più orribile male, oppongo
solo la violenza della ragione.
Passivo come un uccello che vede
tutto, volando, e si porta in cuore
nel volo in cielo la coscienza
che non perdona.

8- [sem título]

Seria muito fácil desvelar
esta luz ou esta sombra... Uma palavra:
e a existência, que em mim existe sozinha
sob as vozes que todo homem inventa
para avizinhar-se da verdade
fugidia, seria expressa, enfim.
Mas essa palavra não existe.
Se todavia escuto nos ruídos
que saem do bairro um som mais
claro — ou sinto nos cheiros
da estação um sopro mais preciso
de folhas molhadas, de chuva, então,
alusiva, a minha indizível vida
a mim se desenharia, num instante...
E eu não saberia suporta-la... Mas um dia,
ah, um dia, uivarei à essa visão,
será um uivo a revelação...

Sarebbe così facile svelare
questa luce o quest'ombra... Una parola :
e l'esistenza che in me esiste sola
sotto le voci che ogni uomo inventa
per avvicinarsi a verità
fuggenti, sarebbe espressa, infine.
Ma questa parola non esiste.
Se tuttavia ascolto nel rumore
che sale dal rione, un suono un poco
più terso — o aspiro nell'odore
della stagione un più preciso alito
di foglie fradice, di pioggia, allora,
allusa, l'indicibile mia vita
mi si disegna, per un solo instante...
E non so sopportarla... Ma un giorno,
ah un giorno, urlerò, a quella vista,
sarà un urlo la rivelazione...

9- Quatro fragmentos (1944)

I

Talvez a lua. Talvez fora das vozes
dos meninos que em fila vão à Igreja.
Mas a noite é mais triste, e eu não ouço
ninguém senão eles na sala vazia.
Eles, e o fim dos meus anos, e o tempo,
e a primavera que verga toda em flores,
e me deixa com um rosto de menino
por estes campos e estas noites novas.

II

(O ANO)

Não se passa uma estação ou um ano
mas um sopro e me encontro nesta noite
e no infinito lume que transborda
sobre as casas, sobre as hortas, sobre as estradas.
Eu me encontro perdido nessa sala
com rosto de menino, e de rapaz,
e agora de homem, mas o engano persiste
com os seus coros e a lua silenciosa.

III

(O SONHO)

Nasce a manhã. E quando já outras estrelas
brilharão cansadas em meio aos vegetais,
eu estarei bem longe! Ah! Não sobrá
de mim senão um cego e triste sono,
uma vida remota, um ter estado,
um ter rido e chorado, um corpo vão,
agora perdidos igualmente na lembrança
que um silêncio de séculos é um *nonada*.

Todos os meus gestos, nesta cansada aurora
de uma lua cadente, qual um sonho.

IV

(TARDE)

Depois ela retorna, talvez para sempre, a sombra
pois não sei o que acontece lá no céu:

uma sombra triste, antiga, como que morta...

Permaneço de novo sozinho, e no silêncio
reconheço o meu corpo e a grama firme.

Quattro frammenti

I

Forse la luna. Forse fuori voci
di ragazzi che a file vanno in Chiesa.
Ma la sera è più triste, ed io non odo
null'altro ch'essa nella stanza vuota.
Essa, e la fine dei miei anni, e il tempo
di primavera che scende tutto in fiore,
e mi lascia con volto di ragazzo
tra questi campi e queste sere nuove.

II

(L'ANNO)

Non è passata una stagione o un anno
ma un soffio e mi ritrovo a questa sera
e all'infinito lume che trabocca
sulle case, sugli orti, sulle strade.
Mi ritrovo perduto in questa stanza
col volto di fanciullo, e giovanetto,
ed ora uomo, ma l'inganno resta
con quei cori e la luna silenziosa.

III

(IL SOGNO)

Nasce il mattino. E quando già altre stelle
scintilleranno stanche in mezzo agli orti,
io sarò ben lontano ! Oh ! Di me altro
non resterà che un cieco e mesto sonno,
una vita remota, un esser stato,
un aver riso e pianto, un corpo vano,
ormai così sperduti nel ricordo
che un silenzio di secoli è un nonnulla.

Ogni mio gesto in questo stanco albore
d'una luna che cade, parrà sogno.

IV

(MERIGGIO)

Ma poi torna per sempre, forse, l'ombra
per non so che vicende su nel cielo :
un'ombra mesta, antica, come morta...
Resto di nuovo solo, e nel silenzio
riconosco il mio corpo e l'erba ferma.